

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Curso de Bacharelado em Letras Redação e Revisão de Textos



Trabalho de Conclusão de Curso

**Violência obstétrica e a valoração: análise de comentários em uma denúncia
no Facebook**

Gizele Garces do Amaral Cardoso

Pelotas, 2022

Gizele Garces do Amaral Cardoso

**Violência obstétrica e a valoração: análise de comentários em uma denúncia
no Facebook**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Centro de Letras e Comunicação da
Universidade Federal de Pelotas, como requisito
parcial à obtenção do título de Bacharel em
Letras- Redação e Revisão de Textos.

Orientadora: Prof.^a Dra. Karina Giacomelli

Pelotas, 2022

Gizele Garces do Amaral Cardoso

Violência obstétrica e a valoração: análise de comentários em uma denúncia no
Facebook

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Letras Redação e Revisão de Textos, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 07 de dezembro de 2022

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Karina Giacomelli (Orientadora)

Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria

Prof.^a Dra. Alessandra Baldo

Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Aos meus filhos, pelo carinho, compreensão e por perdoar minhas ausências físicas ou mentais.

Ao meu marido, pela paciência e compreensão.

Ao meu pai, pela torcida.

À minha mãe, porque sei que estaria orgulhosa pelo meu empenho.

À minha cunhada, pelo incentivo, torcida e ajuda.

À família, amigos e colegas pelo incentivo.

Aos professores, por compartilhar seus conhecimentos e experiências.

E a Deus, por me acompanhar até aqui e além.

Obrigada.

*Sei que, às vezes, uso
Palavras repetidas
Mas quais são as palavras
Que nunca são ditas?
Legião Urbana (1986)*

Resumo

CARDOSO, Gizele Garces do Amaral. **Violência obstétrica e a valoração ideológica**: análise de comentários em uma denúncia no Facebook. Orientadora: Karina Giacomelli. 2022. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Redação e Revisão de Textos) - Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

Este trabalho apresenta um estudo da valoração do termo violência obstétrica e tudo o que ele engloba, a partir da repercussão de um caso de suposta agressão por parte de um homem que acompanhava a esposa parturiente, que se sentiu agredida por uma médica na cidade de Pelotas, em 2020. O caso repercutiu na mídia e, principalmente nas redes sociais, gerando grande quantidade de relatos sobre agressões sofridas por mulheres nos hospitais da cidade e região. A teoria da análise dialógica do discurso, do Círculo de Bakhtin, será o aporte teórico-metodológico utilizado para a análise de *posts* de comentários sobre o caso, retirados de páginas do site *Facebook*. Ressalta-se dessa teoria alguns conceitos fundamentais, tais como dialogismo, palavra, signo ideológico e enunciado concreto. Trata-se, mais especificamente, do conceito de acento valorativo, analisaram-se nove *posts* veiculados a rede social, constituídos a respeito do caso, para constatar como as pessoas percebem a violência obstétrica e como se posicionam ideologicamente através dos comentários.

Palavras-chave: Violência obstétrica. Dialogismo. Ideologia. Valoração.

Abstract

CARDOSO, Gizele Garces do Amaral. **Obstetric violence and ideological valuation:** analysis of comments in a complaint on Facebook. Advisor: Karina Giacomelli. 2022. 47 f. Completion of course work (Bachelor of Letters, Writing and Proofreading) - Center for Letters and Communication, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

This work presents a study of the valuation of the term obstetric violence and everything that it encompasses, based on repercussion of a case of alleged aggression by a man who accompanied his parturient wife, who felt mistreated by a doctor in the city of Pelotas, in 2020. The case had repercussions in the media and, mainly, on social networks, generating a large number of reports about aggressions suffered by women in hospitals in the city and region. The Bakhtin Circle discourse analysis will be theoretical-methodological framework for the analysis of nine Facebook comments posts about the case. Amongst fundamental concepts within the theory, such as dialogism, word, ideological sign and concrete statement, the concept of evaluative accents was privileged to analyze how people comments.

Keywords: Obstetric violence. Dialogism. Ideology. Valuation.

Lista de Figuras

Figura 1	Comentário 1.....	32
Figura 2	Comentário 2.....	34
Figura 3	Comentário 3.....	35
Figura 4	Comentário 4.....	36
Figura 5	Comentário 5.....	37
Figura 6	Comentário 6.....	38
Figura 7	Comentário 7.....	39
Figura 8	Comentário 8.....	41
Figura 9	Comentário 9.....	43

Sumário

1 Introdução.....	09
2 Referencial teórico.....	13
3 Metodologia.....	26
4 Análise do <i>corpus</i>.....	32
5 Considerações finais.....	44
Referências.....	45

1 Introdução

Houve um tempo em que a mulher foi venerada por seu poder criador. Ela era tida como sagrada, pois a humanidade não entendia como era possível criar uma vida. O parto era um evento estritamente feminino. A parturiente era cercada pelas mulheres mais velhas da família como mãe, sogra, tias, irmãs mais velhas e, claro, as parteiras profissionais, porém sem nenhuma formação a não ser a adquirida na prática ao longo dos anos.

Essa visão mudou ainda mais quando a obstetrícia passou a ser uma área da medicina, pois os homens, os únicos que podiam cursar uma universidade, tornaram-se responsáveis por trazer outras vidas ao mundo. Desde então, criou-se a visão de que a mulher não é capaz de dar à luz sem o auxílio médico. Dessa forma, o médico passou a ser o protagonista no momento do parto, e a mulher apenas aquela que precisa do auxílio e conhecimentos do profissional, em suma, houve uma inversão de papéis.

Há alguns anos, no entanto, esse protagonismo médico vem sendo questionado. Mulheres passaram a buscar informações sobre seus corpos e sobre o momento do parto, sobre quais procedimentos são realmente necessários e quais são adotados não para o seu, mas para o bem-estar do profissional de saúde, ou seja, quais direitos elas têm no momento do nascimento dos filhos. Com a ideia de que o profissional de saúde sabe o que é melhor para a mulher, muitos procedimentos adotados por eles só recentemente foram reconhecidos como violência obstétrica. É o caso, por exemplo, da manobra de Kristeller, procedimento no qual um profissional de saúde empurra a barriga da gestante para que o feto desça para o canal de parto. Sabe-se que essa manobra pode causar diversos problemas como ruptura uterina, sangramento e lesões na criança. Atualmente, esse procedimento é proibido e considerado violência obstétrica.

A violência obstétrica acontece há muito tempo, mais especificamente desde que os médicos passaram a ser vistos como imprescindíveis para o nascimento. Já o termo é relativamente novo. Ele surgiu na Venezuela em 2010, e vem ganhando força dentro de movimentos sociais preocupados com violências exercidas contra mulheres, em especial aqueles que lutam pela humanização da assistência materno infantil. Em 2014, a violência obstétrica foi reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma questão de saúde pública que afeta diretamente as mulheres e seus

bebês e é definida como abusos verbais, restrição da presença de acompanhante, procedimentos médicos não consentidos, violação de privacidade, recusa em administrar analgésicos, violência física entre outros.

Embora o Ministério da Saúde (MS) e o Conselho Federal de Medicina (CFM) critiquem o uso do termo violência obstétrica, o fato é que ela existe. Diariamente, muitas mulheres são vítimas desse tipo de violência e não há, no Brasil, nenhuma lei federal específica contra ela. Mas, com o advento da internet, a troca de experiências, sobretudo nas redes sociais, deu visibilidade a um problema que antes era restrito ao universo familiar. Com os relatos explícitos de maus tratos a parturientes ganhando alcance e repercussão, o termo passou a ser utilizado e difundido, circulando cada vez mais em *posts* que descrevem esses casos.

A ideia deste trabalho é justamente analisar *posts* em sites de redes sociais sobre violência obstétrica buscando compreender como mulheres referem um momento em que se tornam pacientes em oposição ao protagonismo de profissionais da saúde quando elas estão parindo, a partir do que é enunciado nos relatos.

Considerando que todo enunciado concreto, segundo a teoria do Círculo de Bakhtin, tem um sentido/tema construído na interação e que carrega consigo uma valoração, é nosso objetivo geral apreender que sentidos adquire o termo violência obstétrica. Busca-se compreender que temas esses enunciados realizam e como determinam o uso de um termo em oposição à proibição do uso pelos MS e CFM que impõem um silenciamento sobre a postura desses profissionais que se “apropriaram” do corpo da mulher tirando-lhe seu direito de escolha, deixando de ouvi-la sobre como se sentem durante esse momento, praticando ações violentas contra seus corpos, tanto físicas quanto psicológicas.

O trabalho tem como objetivo, ainda, identificar os tipos de violência relatados pelas mulheres durante o parto; analisar como o impacto da violência sofrida se expressa nos enunciados, sobretudo nas falas mais agressivas; verificar como os enunciados que expressam diferentes práticas de violência dialogam com a oposição, e a negativa da existência, portanto, do MS ao uso do termo violência obstétrica.

A ideia para o desenvolvimento deste trabalho surgiu dos inúmeros casos ocorridos e relatados no serviço de saúde ouvidos em meu trabalho, em uma instituição de saúde. Diante do que foi ouvido, julga-se interessante refletir em como a cultura nos leva a pensar que as mulheres não são capazes de decidir o que é melhor para elas mesmas, tornando-se dependentes de profissionais de saúde que

são cultuados como os detentores da verdade e da sabedoria. Grande parte desses profissionais pratica violência obstétrica, muitos talvez sem nem mesmo perceber, pois também estão inseridos na cultura certos procedimentos agressivos e invasivos, falas ofensivas, que foram aceitos e normalizados ao longo do tempo.

Diante do aumento de relatos e denúncias, pensamos ser necessário buscar o posicionamento dos órgãos responsáveis, que não aceitam o uso do termo, assim como a luta de pessoas e organizações para que esta violência seja encarada como uma violência de gênero, bem como verificar se leis foram criadas para a proteção das mulheres e para punição dos responsáveis por esses atos.

Este trabalho parte de algumas hipóteses sobre a prática da violência obstétrica. Uma delas diz respeito ao fato de que esse termo recobre uma série de práticas que acontecem no momento do parto e que têm diferentes formas, mas que mantêm em comum a ideia de que elas sejam práticas violentas, realizadas pelos profissionais de saúde. Com isso, nossa outra hipótese é de que esses relatos deslegitimam o posicionamento do MS contra o uso do termo violência obstétrica, quando afirmam que este tem conotação inadequada e que prejudica a busca de cuidados humanizados no *continuum* gestação-parto-puerpério, e a afirmação do CFM de que o termo ataca, diretamente, os médicos ginecologistas e obstetras. Por fim, levantamos a hipótese de que há uma cultura na sociedade de que a mulher precisa estar em um serviço de saúde, “auxiliada” por profissionais durante o nascimento de uma criança, que a leva a aceitar as práticas que acontecem, mas a rever o acontecido posteriormente, a partir da experiência vivenciada.

Para que possamos alcançar esses objetivos e confirmar nossas hipóteses, a metodologia utilizada será a análise de comentários do site rede social Facebook, no qual mulheres que foram vítimas de violência obstétrica se manifestaram e compartilharam suas experiências, contrapondo esses relatos com a oposição do MS ao uso do termo. Nosso *corpus* será, então, constituído desses comentários, coletados na página do Grupo Nascer Sorrindo, que compartilhou o vídeo do casal relatando que teria sofrido violência obstétrica como justificativa para o descontrole e agressão a uma médica em um Hospital Público de Pelotas/RS em 29 de maio de 2020 e prestou queixa contra ele, na página do jornal Diário Popular, na página do site de repasse de notícias Pelotas 24 Horas e na página do escritório de advocacia que representa o casal no caso da agressão. Após o caso ser divulgado na mídia e redes sociais, inúmeras mulheres e seus familiares relataram histórias sobre a violência

praticada por essa mesma médica. Por outro lado, também os pareceres do MS e do CFM sobre o uso desse termo serão objeto de análise, já que pensamos contrapor os relatos ao que é colocado por esses órgãos.

Este trabalho terá como base teórica e metodológica a Análise Dialógica do Discurso, da qual questões como relações dialógicas entre enunciados, sentido e valoração são importantes para que possamos entender o diálogo que se estabeleceu nessa página, a fim de compreender o que esses relatos designam por violência obstétrica e como essa visão se contrapõe ao que o MS e CFM apresentam ao se posicionarem sobre um termo cada vez mais usado. Assim, temos como fundamento a ideia de que os sentidos são construídos no encontro de dois polos opostos (STELLA; BRAIT, 2021), ou seja, que a construção de sentidos produzidos nos enunciados por pessoas de diferentes grupos ideológicos ao manifestarem seus julgamentos de valor, revelando a relação valorativa do locutor (GIACOMELLI; D'ÁVILA, 2017).

2 Referencial teórico

A base teórica para a realização deste trabalho de conclusão de curso será a Análise Dialógica do Discurso (ADD), corrente brasileira de estudos discursivos fundamentada nas concepções do Círculo de Bakhtin. A ADD é a área que se ocupa da investigação dos sentidos de enunciados concretos, orais e escritos, produzidos nas diversas esferas e campos da atividade humana, analisando-os a partir das relações dialógicas desses discursos com outros discursos e da relação do discurso com as diversas instâncias da interação entre sujeitos sócio-históricos.

Para os autores Faraco (2009) e Morson e Emerson (2008), a concepção dialógica de linguagem foi crucial para o pensamento de Bakhtin a partir do ano de 1924, período em que o autor forma suas bases para os estudos sobre a psique, a cultura e a teorização discursiva sobre o romance. Conforme a explicação dos autores, Bakhtin não desejava simplesmente acrescentar um posicionamento dialógico aos estudos da poética, da estilística e da linguística de sua época, mas procurava compreender a natureza dialógica da linguagem. No entanto, não se pode confundir os termos dialogismo e seus derivados diálogo, dialógico e dialogização com o diálogo face a face, conforme observado por Faraco, pois

Nesse sentido, é interessante lembrar que aquilo que Bakhtin chama de relações dialógicas não remete ao diálogo face a face (como muitos acreditam), mas à dinâmica de múltiplas inter-relações responsivas entre posições socioavaliativas. Na interação vista pelo olhar bakhtiniano, não se trocam mensagens, mas se dialogizam axiologias. (FARACO, 2005, p. 219).

Faraco salienta que Bakhtin apresenta a interação como constitutiva da condição humana. O sujeito se constitui na relação que estabelece com o outro, por meio da interação sua individualidade se estabelece pela alteridade. No entanto, essa interação não pode ser vista como realizada por meio de sujeitos individuais, no sentido de autossuficientes, já que “Bakhtin inova as análises da interação ao estendê-la não como o encontro fortuito de mônadas autossuficientes que trocam mensagens sustentadas pelo código, mas como o encontro de posições socioaxiológicas”. (FARACO, 2005, p. 219).

Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017), a questão da interação verbal é apresentada como o centro da constituição das relações intersubjetivas, possibilitando a construção de sentido e de valores nas relações

dialógicas e o diálogo em seu sentido mais amplo (BRAIT, 2006; BRANDIST, 2012; FARACO, 2009). Ainda nessa mesma obra, o autor procura, dentre outros aspectos, discutir a relação entre os sujeitos do discurso – alteridade – tida como o princípio estruturador das relações dialógicas. Segundo Amorim (2004), a alteridade marca as fronteiras do enunciado, permitindo, por conseguinte, a passagem da palavra ao outro. É esse relativo acabamento, segundo a autora, que permite a resposta a outrem.

Para Brait (2006, p. 28-29) a presença do outro é uma das questões fundacionais no estudo das relações dialógicas, “interferindo nas noções de sujeito, de autoria, de texto e de discurso”. Geraldini (2005) ressalta que o processo social de produção de linguagem sempre demanda alteridade e que “essas ‘alteridades’ não são sujeitos ou individualidades soltas no mundo, [...] mas se constroem nos usos da linguagem historicamente mutáveis.” (GERALDINI, 2005, p.78).

Bakhtin (2016) entende que as relações dialógicas diferem radicalmente de todas as relações linguísticas entre elementos seja do sistema da língua, seja em textos isolados. Ele pontua ainda que as relações dialógicas são, de fato, essencialmente extralinguísticas, e com isso não podem ser separadas do campo do discurso. O autor explica que os enunciados nascem do ponto de contato com a realidade concreta e nas condições de uma situação de interação real. Assim, as relações dialógicas que se constroem entre os enunciados se constituem sob as mesmas condições dos enunciados (GERALDINI, 2005; PONZIO, 2010).

Para a ADD, os enunciados são constitutivos de outros enunciados (assim como o outro é constitutivo do eu) no sentido de que todo enunciado constitui outros enunciados porque cada novo enunciado entra em relação com os que já foram ditos e com os que podem ser ditos. Ou seja, serve para que outros enunciados sejam produzidos, assim como as outras pessoas servem para o eu de cada um ir se constituindo.

Se não se pode entender o discurso sem a língua, também não se pode entender o discurso, que é o uso da língua, sem levar em conta que a produção do enunciado (do discurso) vai além da língua e cria a linguagem. A produção do enunciado/discurso cria uma união entre a significação das palavras e frases e o seu uso no discurso, e essa união, nos contextos, cria os sentidos do que é dito. O locutor usa enunciados na interação (o contato com interlocutores), e a interação acontece em um contexto, que inclui especialmente um tempo, um lugar, que não é só o ambiente físico, quem são os interlocutores envolvidos e quais as relações entre eles.

Para a ADD, todo enunciado dialoga com outros enunciados já ditos antes dele, tentando até mesmo responder a enunciados que não foram ditos, o que também é um diálogo (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1079). Bakhtin (2002, p. 183) afirma que “Toda a vida da linguagem, seja qual for seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística etc.), está impregnada de relações dialógicas.”

Nessa perspectiva, a linguagem não é neutra, mas sempre atravessada pela ideologia, ou seja, repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana, como já se viu. Assim, é impossível uma palavra e, por consequência, o enunciado, serem neutros, pois eles sempre expressam um posicionamento valorativo dos sujeitos presentes no discurso. A palavra sempre é um terreno de disputa entre, pelo menos, dois participantes de um processo de interlocução.

No entanto, mesmo que o locutor tenha em mente seu auditório previsto, quando na produção do enunciado, visto que o dialogismo é constitutivo de todas as relações permeadas pela palavra, não há garantias de que a produção de sentidos visada pelo locutor chegue ao seu auditório como inicialmente prevista. Isso acontece pelo fato de que a palavra, preta de sentidos, torna-se, segundo Volóchinov (2017), uma arena de disputas de posições opostas e, conseqüentemente, de sentidos divergentes entre os participantes do enunciado que, posicionados em seus tempos e espaços, direcionam seus olhares para além de seus interlocutores visados porque o campo de visão de cada um em relação ao outro é muito mais amplo do que apenas a imagem solitária desse outro a quem a palavra é orientada. Volóchinov utiliza o termo “antipalavra” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 232) para enfatizar o embate de sentidos em que se inserem os interlocutores no instante único da produção de um enunciado concreto.

Para Volóchinov (2017, p. 233), a significação “é uma faísca elétrica surgida apenas durante o contato de dois polos opostos”. Na produção de sentidos há a necessidade de se considerar certa tensão ocorrida como consequência desse contato entre dois polos opostos. Também é preciso observar que a significação produzida desse encontro, essa faísca elétrica produzida por esse contato, pode não chegar aos participantes da mesma maneira, porque, na verdade, quando os dois polos opostos se chocam, muitas faíscas são produzidas ao mesmo tempo, o que torna muito complexo o processo de significação.

As relações que se estabelecem são, portanto, cheias de tensão, pois como arena de lutas (VOLÓCHINOV, 2017), a palavra – o discurso – concentra sempre, minimamente, dois feixes de sentido, dois pontos de vista distintos e, às vezes conflitantes, sobre o mesmo objeto. Além disso, os sentidos tendem a deslocamentos, dependendo do local e do momento em que os enunciados são produzidos e circulam, dialogando com o espaço e o tempo em que foram produzidos e segundo o olhar situado de seus interlocutores.

No ensaio “*A construção da enunciação*”, Volóchinov (2019) aponta que:

- a) todo enunciado, além da orientação social, encerra em si um sentido e um conteúdo;
- b) todo enunciado efetivo e real é dotado de um sentido;
- c) a diferença nas situações de enunciação determina também as diferenças dos sentidos de uma mesma expressão verbal;
- d) a relação do enunciado com sua situação e seus interlocutores é criada, primeiramente, pela entonação (expressão sonora) pela escolha das palavras e pelas disposições das palavras
- e) a entonação é o condutor mais flexível das relações sociais entre os falantes em uma dada situação.

Compreende-se, então, que, para Volóchinov, a entonação se vincula à orientação social, isto é, a expressão da valoração da situação e do auditório. Dessa forma, a orientação social do enunciado sempre é atravessada, saturada, de um valor. Por isso, o enunciado é sempre dotado, atravessado por matizes valorativos, isto é, cada situação de interação implica um índice social de valor, que atravessa a situação de interação, reverberando no enunciado enquanto construto social. Como uma unidade de comunicação verbal, a valoração se apresenta na estrutura do enunciado nos elementos lexicais e gramaticais, que são agenciados e mobilizados em sua materialidade linguística, o que faz com que a valoração implique na escolha das palavras, nas dimensões dessa escolha, na relação e na disposição no enunciado. Portanto, é a valoração que determina as escolhas linguísticas e composicionais do enunciado e determina os sentidos do enunciado.

A noção de valoração é de base ideológica, o que leva à necessidade de compreensão do conceito de ideologia e sua relação com a linguagem. Embora

ideologia seja um conceito fundante e perpassa toda a obra do Círculo (assim como acontece com outros conceitos, como interação e diálogo, que devem ser tratados na sua inter-relação (e não na sua definição isolada e acabada), com vistas a construí-los no movimento das práticas discursivas e da sua formulação teórica, poucas vezes uma definição acabada e isolada será encontrada. Ainda assim, Volóchinov (2019) esclarece que, por ideologia, entende-se a totalidade das reflexões e interpretações da realidade social e natural que acontecem no cérebro do homem, materializados por meio de palavras, desenhos, diagramas ou outras formas sígnicas.

Volóchinov (2017) explica que toda forma de compreender e apreender a realidade social da qual fazemos parte, como sujeitos, se dá por meio de signos, que são, por assim dizer, a forma material da realidade e que possibilita a pluridiversificação dos modos de (re)conhecer essa realidade. Essa pluridiversificação realiza-se em simultaneidade com a ideologia.

Se todo signo, independente da sua materialidade, é ideológico, e “*onde não há signo também não há ideologia*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91, grifos do autor), é preciso compreender que o material da realização concreta do signo ideológico, segundo o Círculo, é a palavra, que não apenas dá forma ao signo como, dada a gênese ideológica deste, satura-se de modos plurais de produção de sentido e efeitos de sentido. Toda palavra é, portanto, necessariamente semiótico-ideológica, refletindo e refratando realidades.

Partindo do princípio de que toda palavra pode refletir e refratar diferentes modos de (re)conhecer, compreender e apreender a realidade social, ela se caracteriza, por princípio, pela neutralidade ideológica, ou seja, pela capacidade de absorver qualquer carga ideológica, o que não significa que a “palavra é neutra” quando em uso efetivo, pelo contrário, ela está sempre impregnada de valores dos sujeitos e situações que as fazem circular e nela se enunciam. A mesma palavra é atravessada por diferentes valores dependendo dos sujeitos que as enunciam em diferentes situações e contextos.

As palavras são tecidas por fios ideológicos diversos e, por vezes, contraditórios. Esses fios são tramados no interior das esferas da atividade humana, espaços sociais de gênese, regularização e legitimação das situações de interação, delineando os vários matizes ideológicos das palavras. De acordo com Volóchinov (2017, p. 109, grifos do autor) “[...] *as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais*

próximas da sua interação”. Diante dessa perspectiva, é possível compreender a relação entre esferas da atividade humana, ideologias do cotidiano e ideologias sistematizadas:

Convenhamos chamar todo o conjunto das vivências cotidianas – que refletem e refratam a existência social – e as expressões exteriores ligadas exteriores a elas de ideologia do cotidiano. A ideologia do cotidiano atribui sentido a cada um dos nossos atos, ações e estados “conscientes”. Do oceano inconstante e mutável da ideologia do cotidiano surgem gradativamente numerosas ilhas e continentes de sistemas ideológicos: de ciência, arte, filosofia, opiniões políticas.

No final das contas, esses sistemas são o produto do desenvolvimento econômico, ou seja, o produto do enriquecimento técnico-econômico da sociedade. Por sua vez, esses sistemas exercem uma fortíssima influência sobre a ideologia do cotidiano e frequentemente dão a ela seu tom. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 260).

A ideologia do cotidiano, segundo Volóchinov (2017), corresponde à totalidade da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana, assim como a expressão que a ela se liga, ambas de natureza social, e que não correspondem a um sistema ideológico formalizado e sistematizado. Já os sistemas ideológicos formalizados, como o da ciência, da moral, da arte, da religião etc., constituem-se a partir da ideologia do cotidiano e, uma vez constituídos, exercem forte influência sobre esta, dando-lhe o seu tom. Por outro lado, a seiva da existência da ideologia formalizada e sistematizada é a ideologia do cotidiano, uma vez que a avaliação crítica de toda a produção ideológica opera na/por essa ideologia.

Os enunciados, que materializam os discursos, apresentam sempre uma dimensão avaliativa e expressam um posicionamento social. Desse modo:

qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, sempre ideológico – para eles, não existe enunciado não-ideológico. E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá numa esfera de uma das ideologias [...] e expressa sempre uma posição avaliativa [...]. (FARACO, 2009, p. 46-47).

Por essa razão, ao tratar da relação entre língua, enunciado e interação, Volóchinov (2017) afirma que:

Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. A palavra está sempre repleta de conteúdo e significação ideológica ou cotidiana. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 181).

Para Bakhtin (2016), o discurso, constituído no seio de uma dada esfera social, é por isso, refratado, ou seja, construído pela ideologia e pela valoração, materializa-se na forma de enunciados. Por isso, todo enunciado é concreto, irrepetível, historicamente individual, representa uma nova unidade (elemento) na comunicação discursiva, mas, ao mesmo tempo, é uma postura ativa (que é também uma reação-resposta a outros enunciados) do sujeito constituído socialmente e que se enuncia dentro de uma determinada esfera (BAKHTIN, 2016).

Para definir os enunciados como as unidades reais e concretas da interação e os diferenciar das unidades da língua vista como sistema, o autor apresenta três características dos enunciados. A primeira característica é a alternância dos sujeitos dos discursos. Há alternância de sujeitos entre os enunciados, uma vez que eles são as unidades de interação. Por isso, se entre palavras ou orações não se pode observar essa alternância, os enunciados são compostos verbalmente de uma palavra e/ou uma oração que são efetivamente usados em interação, o que permite que todo falante que termina seu enunciado passe a palavra ao outro, dando lugar a sua reação-resposta. Para Bakhtin (2016), o critério central característico da conclusibilidade do enunciado, como unidade concreta da comunicação discursiva, é a capacidade de determinar a ativa reação-resposta dos outros participantes da comunicação: todo enunciado suscita resposta(s), que é um ato de valoração sobre o enunciado do outro.

A segunda característica é a conclusibilidade específica do enunciado, que é entendida como o acabamento do enunciado a partir do seu interior e constitui-se como a possibilidade de o interlocutor tomar uma postura de resposta em relação ao enunciado do outro. Segundo o autor, a possibilidade de resposta face ao enunciado do outro, materializa-se a partir da percepção do *dixi* conclusivo do autor, por parte do interlocutor. Essa percepção é realizada a partir de três elementos ligados no todo orgânico do enunciado:

a) exauribilidade semântico-objetal do tema; os temas são inesgotáveis, mas, ao se tornarem objetos de discurso, ou seja, ao entrarem no horizonte apreciativo e, logo, valorativo dos interlocutores, passam a ter acabamento dentro das condições/finalidades do enunciado, sendo esse acabamento percebido pelo interlocutor a partir da interação e do gênero do discurso;

b) a intenção discursiva do discurso, ou seja, a vontade discursiva do falante na medida em que esta, para Bakhtin, “determina a totalidade do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras” (BAKHTIN, 2016, p. 37);

c) e os gêneros do discurso, que, segundo o autor, são balizas para a produção de enunciados e horizontes de expectativas (índices de interpretação) para o interlocutor. Assim, o gênero do discurso é outro elemento que permite a percepção do todo do enunciado e sua conclusibilidade.

A terceira característica é a expressividade, a relação valorativa do locutor com o objeto de seu enunciado. Segundo Bakhtin (2016, p. 47), “Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível”. Essa propriedade de o enunciado ser expressivo é uma das marcas da posição valorativa dos participantes da comunicação discursiva face ao tema do enunciado e a eles próprios.

Por elemento expressivo o autor entende “a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado.” (BAKHTIN, 2016, p. 47), ressaltando que é o elemento expressivo que determina o estilo e a composicionalidade do enunciado, isto é, é a relação valorativa do falante com seu objeto de discurso e com outros enunciados que leva à escolha dos recursos lexicais, gramaticais (estilo) e composicionais de seu enunciado. Desse modo, “A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado.” (BAKHTIN, 2016, p. 48).

Segundo o autor, a expressividade é uma das características do enunciado, e as palavras e orações, como unidades da língua na sua imanência, são desprovidas de entonação expressiva, pois, nesses casos, estamos diante de palavras e orações isoladas, no sistema da língua (em que se estabelecem relação com outras palavras e orações), sem relação com a situação de interação. No entanto, essas palavras e orações adquirem sentido concreto quando se tornam parte de enunciados, isto é, quando se integram a uma determinada realidade concreta, em condições reais de comunicação discursiva.

Para Bakhtin (2016), escolhemos as palavras quando partimos do conjunto projetado do enunciado, ou seja, cada palavra que escolhemos é contagiada com a expressão valorativa do conjunto do enunciado. Assim,

Escolhemos a palavra pelo significado que em si mesmo não é expressivo, mas pode ou não corresponder aos nossos objetivos expressivos em face de

outras palavras, isto é, em face do conjunto do nosso enunciado. O significado neutro da palavra referida a uma determinada realidade concreta em determinadas condições reais de comunicação discursiva gera a centelha da expressão. Ora, é precisamente isto que ocorre no processo de criação do enunciado [...] esta [centelha da expressão] não existe no sistema da língua [...]. (BAKHTIN, 2016, p. 51).

Portanto, é somente no contato do significado linguístico com a realidade concreta, só na penetrabilidade da língua com a realidade que se gera a centelha da expressão. Para o autor, essa centelha da expressão não existe nem no sistema da língua, nem na realidade objetiva fora de nós: a emoção, os juízos de valor somente surgem e se materializam no emprego vivo da língua, em um enunciado concreto e real.

Bakhtin (2016) afirma que o enunciado se constitui também em função do seu auditório, ou seja, todo enunciado dirige-se a um interlocutor, que influencia também nos limites estilísticos dos enunciados e na sua expressividade. Baseado nas questões e discussões anteriores sobre particularidades dos enunciados, o autor entende que a situação social de interação se integra ao enunciado, não se apresentando como, simplesmente, a causa deste: todo enunciado é inteiramente determinado pelas relações sociais.

O que o Círculo de Bakhtin tenta esclarecer é que qualquer enunciado, do mais simples ao mais complexo (como o dos romances), é sempre socialmente dirigido. Para Volóchinov, o enunciado não poderá, de forma alguma, ser explicado fora da situação social, na medida em que “a comunicação verbal está diretamente relacionada às comunicações de outros tipos, por terem surgido no terreno comum da comunicação produtiva” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 220). Assim, o enunciado é concebido não apenas como uma unidade de comunicação, mas como uma unidade de sentido axiologicamente constituída na situação interativa. Por isso, o enunciado é compreendido sempre sob o ponto de vista social, histórico e cultural, que “inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nele envolvidos” (BRAIT; MELO, 2008, p. 65).

De acordo com Bakhtin (2016), a enunciação é sempre considerada do ponto de vista de um falante em relação necessária com o ouvinte. Este, ao entrar em situação de interação com o enunciado do outro, ocupa simultaneamente em relação a este enunciado uma posição responsiva axiologicamente marcada: uma posição de resposta, uma reação-resposta valorada face ao(s) enunciado(s) do outro.

Rodrigues (2001) destaca que, para o Círculo, o vínculo entre o enunciado (sua dimensão verbal/semiótica) e a situação social concretiza-se pela entonação, pois:

Através dela, o discurso se orienta para fora dos seus limites verbais e entra em contato com a vida socioideológica. Ela se situa na fronteira da vida social e da parte verbal do enunciado, marcando a atitude valorativa (feliz, aflita, interrogativa, de admiração, de surpresa, etc.). [...]. Pela entonação o falante se engaja socialmente e toma posição ativa em relação a certos valores. (RODRIGUES, 2001, p. 27).

Por esse motivo, para Bakhtin,

Um enunciado isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme, sincero ou malicioso, franco, cínico, autoritário e assim por diante. (BAKHTIN, 2002, p. 46).

Entretanto, essa concepção de entonação não deve levar a pressupor que ela seja algo do âmbito do individual, no sentido de entrar no âmbito do social. Para sua existência, ela tem necessidade de sustentação coletiva. Ou seja,

É a materialização de uma avaliação social, a expressão 'sonora' da valoração, sendo, portanto, toda entonação expressiva. Sensível às mais elementares mudanças sociais, é na entonação do enunciado que a avaliação social encontra antes de tudo sua expressão. (RODRIGUES, 2001, p. 27).

Bakhtin (2016) explica que todo enunciado é pleno de ressonâncias e ecos de outros enunciados, que não são indiferentes uns aos outros, pois se conhecem e se atravessam mutuamente. Além disso, essas relações com os enunciados de outrem e, por conseguinte, com seus juízos de valor (quaisquer posições valorativas) determinam o todo do enunciado.

O autor explica também que as relações dialógicas são relações de sentido que se realizam nos enunciados. Dois enunciados, ao se confrontarem em um dado plano de sentido, em dada situação de interação, acabam sempre por estabelecer relações dialógicas, que são relações semântico-axiológicas. Além disso, embora as relações dialógicas sejam, por natureza, extraverbais, não podem, simultaneamente, ser separadas do discurso. Para Bakhtin as relações dialógicas são possíveis não apenas entre enunciados integrais, mas também com qualquer parte significativa do enunciado; entre estilos de língua, dialetos sociais e com a enunciação como um todo,

desde que essas partes sejam vistas como o todo do enunciado que representam. Dessa forma:

As relações dialógicas são possíveis não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado [...], se ouvimos nela a voz do outro. Por isso, as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado [...]
 Por outro lado, as relações dialógicas são possíveis entre os estilos de linguagem [...].
 Por último, as relações dialógicas são possíveis também com a própria enunciação como um todo [...]. (BAKHTIN, 2002, p. 184).

Com referência às relações dialógicas com qualquer parte significativa do enunciado, Bakhtin (2002) entende as relações de sentido valorativamente construídas no interior do enunciado ou mesmo no interior de uma palavra, desde que se possa entender que aí se encontram duas posições de valor, duas vozes que colidem.

Para Bakhtin, em cada época, em cada percurso da história, os enunciados são construídos a partir de determinados valores, que se entrecruzam e se enriquecem com outros sentidos, à medida que o curso da história absorve outras projeções. Em cada época, em cada campo de atividade e em cada círculo social, os enunciados são construídos e reconstruídos, à medida que os valores são ressignificados. Essa ressignificação não apenas opera no curso da projeção socio-histórico-cultural, mas, essencialmente, na interação contínua com os enunciados do outro.

Por essa perspectiva, Bakhtin (2015) afirma que a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno do discurso; trata-se da natureza de todo discurso vivo. Como argumenta o autor, em todos os caminhos do discurso, em suas múltiplas direções, ele se abre a um multidiscurso social, o diálogo social circunstante. É a concentração de vozes multidiscursivas, impregnadas pela plenitude das ressonâncias dialógicas e entoações multissonantes do plurilinguismo. Ou seja, “Em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as orientações, o discurso se depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa.” (BAKHTIN, 2015, p. 51). Assim, a concepção de discurso, em suas múltiplas direções, é sempre dialógica.

Desse modo, a valoração não é compreendida e considerada sob a perspectiva da situação imediata das práticas discursivas, como pelas conjecturas socio-histórico-culturais constitutivas desse contexto. O conceito de valoração, portanto, tem papel

importante nos estudos do Círculo, justamente porque, dentre outros conceitos, segue a compreensão do grupo de construir suas reflexões sob o ponto de vista histórico, cultural e social na procura de uma teoria enunciativo-discursiva da linguagem.

As palavras são as indicadoras das relações sociais e são sensíveis às mudanças que acontecem na estrutura da sociedade, registrando as transformações ocorridas. Tudo que é dito, tem como consequência as relações dialógicas que se estabelecem entre os enunciados e são organizados em torno de experiências com objetos de sentido de tudo que é lido, ouvido e compartilhado. As palavras ao tomarem a forma de enunciados expressam valores ideológicos contraditórios e seu sentido é sustentado pelo contexto em que acontece, carregando valores culturais que expressam diferenças de opiniões e contradição de ideias em uma sociedade e, por isso, se constituem como um fenômeno ideológico, mas a palavra não é propriedade de ninguém. Ela está à disposição de todo e qualquer ser humano e de qualquer juízo de valor.

Em suas propriedades e atuações na materialidade dos gêneros discursivos, as palavras estabelecem apreciação em relação aos eventos. Elas são tomadas de sentido e de juízo de valor e saturadas por posicionamentos expressivos estabelecidos por aqueles que falam/ escrevem, selecionando palavras do contexto em que estão inseridos demonstrando sua atitude emotivo-valorativa frente à realidade.

Para Bakhtin (2010), todo sujeito sempre enuncia atitudes avaliativas sobre si e sobre o outro. O autor afirma ainda que, ao separarmos abstratamente o conteúdo da experiência do seu real evento de vivência, o conteúdo se apresenta absolutamente indiferente a respeito do valor atribuído no ato experienciado. Porém, para tornar-se realmente realizado e experienciado, o conteúdo, incorporado ao ser historicamente instituído, precisa ser atravessado por entoações emotivo-volitivas. Segundo o autor, “[...] o verdadeiro pensamento que age é pensamento emotivo-volitivo, é pensamento que entoa e tal entoação penetra de maneira essencial em todos os momentos conteudísticos do pensamento.” (BAKHTIN, 2010, p. 87).

Desse modo, é possível entender que o sistema de valoração do sujeito, em sua eventicidade singular, precisa ser uma posição construída nos limites do seu existir.

A projeção de valor que abrange e atravessa o existir-evento singular não é uma reação inata ou psíquica passiva ao ser, mas uma orientação moralmente

validada e responsabilmente ativa. Dessa forma, as projeções valorativas são movimentos de uma consciência responsabilmente consciente, que “transforma uma possibilidade na realidade de um ato realizado, de um ato de pensamento, de sentimento, de desejo, etc.” (BAKHTIN, 2010, p. 91).

Bakhtin (2010) afirma que viver significa posicionar-se em relação a valores, ou seja, o conteúdo da experiência direta da vivência real, ao tornar-se realmente realizado e, conseqüentemente, incorporado ao ser histórico do conhecimento, precisa estar diretamente ligado à valoração, ainda que, “somente como valor efetivo ele é por mim experimentado (pensado), isto é, somente posso pensá-lo em tom emotivo-volitivo.” (BAKHTIN, 2010, p. 87).

Torna-se, então, possível entender que os índices sociais de valor são ideologicamente construídos, mesmo que sejam enunciados em seus atos singulares e únicos, pois estes constituem projeções de valor. Essas projeções de valor são ênfases ideológicas que, embora individuais, são ênfases sociais porque “pretendem o reconhecimento social, e apenas em prol desse reconhecimento são realizadas no exterior, no material ideológico.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 111), confirmando que, para o Círculo, todo signo ideológico possui sempre um índice de valor.

Volóchinov ressalta, ainda, que todos os índices de valor dos signos ideológicos chegam de forma semelhante à consciência individual. Na consciência, esses índices se tornam individuais, mas a fonte de sua projeção se encontra, contrariamente, no horizonte social. Desse modo, para o autor, o índice de valor é de natureza interindividual, ou seja, fundado no mundo exterior, onde os atos se orientam na participação singular e na relação com o outro. A valoração é, portanto, o elo constitutivo entre enunciado e sua situação de interação e, portanto, responsável pelo sentido do enunciado.

Outro conceito visto neste trabalho será o do discurso citado/ alheio. Volóchinov (2017) discute esse fenômeno, que é o principal conceito da alteridade na interação. Esse fenômeno é visto sob nova perspectiva a partir do estudo dos autores que definem essa alteridade como “o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, e enunciado sobre o enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 249). Ainda segundo o autor,

O discurso alheio é concebido pelo falante como um enunciado de outro sujeito, em princípio totalmente autônomo, finalizado do ponto de vista da construção e fora do contexto em questão. É justamente dessa existência

independente que o discurso alheio é transferido para o contexto autoral, mantendo ao mesmo tempo o seu conteúdo objetivo e ao menos rudimentos da sua integridade linguística e da independência construtiva inicial. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 250).

Ainda para Volóchinov (2017), o discurso alheio e o contexto transmissor são termos de uma inter-relação dinâmica que, por sua vez, reflete a orientação social mútua entre as pessoas na sua comunicação verbo ideológica, dentro das tendências essenciais e estáveis dessa comunicação. Segundo os autores, são duas tendências dessa dinâmica: a de estilo linear, cuja tendência principal é a criação de contornos claros e exteriores do discurso alheio diante da fragilidade da sua particularização interior; e o pictórico, que tende a apagar os limites nítidos e exteriores da palavra alheia.

Volóchinov (2017) procura esclarecer que a presença da palavra do outro no discurso envolve também, além das questões sintáticas e estruturais, questões de sentido.

3 Metodologia

A internet, também chamada rede mundial de computadores, surgiu nos Estados Unidos em 1969 com a finalidade de interligar laboratórios de pesquisas durante a Guerra Fria. Com o passar do tempo a rede ampliou seu alcance e se tornou popular e acessível para grande parte da população mundial e modificou a comunicação humana, interligando pessoas de todo o mundo, criando formas de diálogos nos sites redes sociais, espaços de interação onde é possível discutir, opinar e debater sobre os mais variados temas e ideias, trocar informações ou debater os diferentes pontos de vista. Para Recuero:

Esses fenômenos representam aquilo que está mudando profundamente as formas de organização, identidade, conversação e mobilização social: o advento da Comunicação Mediada pelo Computador. Essa comunicação, mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se, amplificou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços: as redes sociais mediadas pelo computador (RECUERO, 2009, p. 16).

Segundo Sobral (2009), a interação funda-se no diálogo em sentido amplo, ou seja, nas relações dialógicas que se estabelecem entre indivíduos, seja face a face ou não, envolvidos em trocas linguísticas, envolvendo sempre o eu e o outro. Por isso,

A interação entre dois interlocutores envolve a sociedade e a história, ou seja, suas posições sociais ao longo do tempo, suas diferentes posições sociais (pai-filho, professor-aluno, chefe-chefiado, pessoa de classe alta ou baixa, por exemplo) e suas relações sociais, não apenas entre si no momento da interação, mas ao longo da vida, com outras pessoas, em diversos ambientes. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1082)

Assim, a interação diz respeito a todas as situações em que os indivíduos se dirigem a outro(s), mesmo a distância. E, nos últimos anos, as interações humanas vem passando pela influência cotidiana de tecnologias digitais que possibilitam às interações mediadas – sem coincidências espacial/temporal – se aproximarem das interações face-a-face, ao permitirem que as pessoas conversem socialmente a distância. Consoni (2010, p. 19), em um estudo sobre a interação em blogs, esclarece que “a forma como os homens se relacionam possui importante papel na compreensão de suas conversas, pois é através das interações entre os seres humanos que as relações sociais se estabelecem.” Essa interação é o que determina a forma como os homens se relacionam, sendo que cada homem tem uma forma própria de interagir com o mundo e consigo mesmo, mas os relacionamentos constroem-se quando ele interage com os outros (CONSONI, 2010, p. 20).

O autor ressalta ainda que, após a implantação das tecnologias digitais de comunicação do cotidiano social, o estar junto não pode mais ser visto exclusivamente nas interações presenciais.

Precisa-se pensar esse aspecto no momento em que aplicativos web disponibilizam espaços que permitem às pessoas se encontrarem em ambientes virtuais, como os espaços de comentários de blogs, por exemplo. No entanto, esse aspecto temporal ainda é relevante para o estabelecimento de uma conversa. As formas como interagimos determinam como nos relacionamos com os outros. Assim, deve-se considerar que essas relações agora também ocorrem de forma mediada (CONSONI, 2010, p. 24).

Thompson (1998, p. 78), que define a interação mediada como “aquela onde a presença física dos envolvidos é suprimida ou parcialmente suprimida, criando contextos comunicativos diversos para os envolvidos no processo”, categoriza a interação em três formas: a face a face, a mediada e a quase mediada. Para o autor “a interação face a face acontece num contexto de copresença; os participantes estão imediatamente presentes e partilham um mesmo sistema referencial de espaço e tempo. A interação mediada diminui o uso de deixas simbólicas, pois as distancia no

tempo. A dificuldade neste tipo de interação está no elemento da ambiguidade na comunicação/informação recebida. Por isso, “as interações mediadas têm um caráter mais aberto do que as interações face a face” (THOMPSON, 1998, p. 79).

Ainda para o autor, a interação quase mediada é aquela que pode acontecer de forma simultânea ou não, ao mesmo tempo ou em tempos distintos. A diferença está na riqueza de deixas simbólicas transmitidas pelo tipo de interação.

Aqui, nos interessa a interação mediada que, segundo o autor, é aquela em que os atores não estão mais copresentes, há uma separação de contextos, em que há a disponibilidade estendida no tempo e no espaço como no caso de uma conversa pelo telefone. Nesta forma de interação, as possibilidades de deixas simbólicas são limitadas, já que os interlocutores não se veem, mas ainda aparecem deixas.

Consoni (2010, p. 31) aponta que “nas duas primeiras formas de interação de Thompson há uma importante característica interativa, que é o diálogo”. Thompson considera essas duas formas dialógicas, embora na interação mediada sejam mais limitadas, ambas possuem a necessidade de manter a comunicação fluente entre as partes para garantir o diálogo.

Se, nos dias atuais, é cada vez maior a necessidade de as pessoas se manifestarem, se posicionarem, opinar e compartilhar seus pontos de vista, e isso pode acontecer através dos sites de redes sociais, facilitando a comunicação entre indivíduos de todas as partes do mundo, bastando que se tenha um computador ou um celular com acesso à internet. Para Consoni,

Os blogs se tornaram importantes meios de comunicação na sociedade nos quais o internauta pode manifestar livremente suas opiniões. Como os comentários podem completar o conteúdo veiculado nos espaços de comentários geram ambientes de discussão na web que promovem locais de encontro do internauta, onde ele expõe suas opiniões ao interagir com os outros visitantes daquele espaço. (CONSONI, 2010, p. 12)

Para Consoni (2010, p. 12) os comentários possibilitam essas conversações online, mas a análise da conversação dessas sentenças (comentários) no virtual é necessária pelo fato de os interlocutores não coincidirem mais em tempo e espaço como nas conversas presenciais. Ainda para o autor, os blogs e seus espaços de comentários apresentam manifestações da sociedade que não possuíam espaço na mídia tradicional até a década de 1990. Eles transformam as formas de interação, facilitando as práticas interativas, as quais permitiram que os conteúdos ganhassem posição na mídia ao possibilitar que conteúdos marginais fossem acessados a partir

de qualquer navegador, como também abrissem locais de discussão pública através dos comentários, onde o internauta interage com o autor do blog e com outros comentaristas. Os comentários feitos também podem adicionar informações novas à primeira informação disponibilizada, pois, ao acessar um conteúdo publicado, têm-se mais do que a informação produzida pelo autor, mas o conteúdo anexo a partir das informações dos comentários, ao se considerar o espaço que envolve a informação inicial (CONSONI, 2010).

Froehlich (2016), em um estudo sobre comentários na web, que também tem os blogs como objeto, aponta a proximidade dos comentários com os diálogos do cotidiano, sobretudo no que se refere ao estilo verbal, destacando a condição dialógica da linguagem. Para a autora, a interação nos blogs possibilita que os internautas deixem seus comentários sobre o conteúdo postado, incrementando as interações ocorridas no espaço virtual. Dessa maneira, “a interface de comentários mostra-se como um espaço que permite visualizar, ao longo de determinado tempo, a circulação de discursos de diversas ordens” (FROEHLICH, 2016, p. 73-74).

Ainda conforme a autora, ao se relacionar a noção de diálogo aos comentários, é necessário destacar que estes se configuram como réplicas, ou seja, surgem como resposta a um enunciado anterior, o post, outro comentário e desse enunciado, advêm o tópico que será desenvolvido dependendo do objetivo do locutor comentarista, do seu projeto de dizer. Assim, o conteúdo de cada comentário pode abrigar uma diversidade de projetos enunciativos, concretizados através de diferentes modos de endereçabilidade e entonações e, sendo o comentário uma réplica, é sempre dirigido a alguém, mesmo que não explicitamente como nos casos em que o interlocutor não é mencionado no texto (FROEHLICH, 2016).

A autora ressalta também a importância da endereçabilidade já que na visão bakhtiniana, o outro, o destinatário é uma instância interior ao enunciado, participando não apenas na etapa da interpretação – enquanto destinatário real – mas interferindo nas escolhas lexicais e de tópicos que o enunciado realiza para se antecipar à atitude responsiva do interlocutor.

Atualmente, o site onde mais acontecem interações por meio de comentários é o Facebook. Trata-se de uma mídia social que conecta usuários em todo o mundo por meio de perfis – pessoais e profissionais – onde é possível encontrar e conhecer pessoas, acompanhar personalidades públicas e marcas, criar, consumir e compartilhar conteúdo. Através de um perfil social é possível interagir com pessoas

conectadas através de troca de mensagens instantâneas, compartilhamentos e reações como as “curtidas”. Fundado em quatro de fevereiro de 2004, a rede social contava com impressionantes 2,94 bilhões de usuários mensais na metade do ano de 2022, segundo o que foi divulgado pela própria Meta, empresa que é proprietária da rede. Nele é possível compartilhar fotos, histórias, opiniões e notícias. O recurso é utilizado inclusive por empresas e pelo jornalismo como os jornais, revistas e páginas de notícias. Os próprios meios de comunicação utilizam os sites redes sociais para divulgar o seu conteúdo. Isso vem ocorrendo desde o final de 2010.

Segundo Souza (2015, p. 201), não é mais suficiente apenas oferecer informação. É preciso fornecer espaços de comunicação e socialização às audiências. O site Facebook, pelo grande número de usuários, é um espaço de interação social que acontece devido ao grande número de comentários em perfis e pela participação em grupos de discussão. Quando os jornais publicam seus conteúdos no Facebook é possível travar discussões momentâneas com outros internautas sobre temas de interesse público (MITOZO; MASSUCHIN; CARVALHO, 2015, p. 4).

Zago e Bastos (2013, p. 118) observam que, ao utilizar a internet para distribuir suas notícias, os jornais não apenas proveem acesso aos seus conteúdos como também possibilitam que usuários possam contribuir para repercutir essa notícia, seja através de reprodução e recirculação do conteúdo, seja através de comentários sobre os acontecimentos.

Dada a variedade de gêneros discursivos nesses espaços, com notícias publicadas quase que instantaneamente, no decorrer do dia, à luz das concepções bakhtinianas, é possível perceber as estratégias discursivas mobilizadas por autores e leitores que, juntos, em interação com o enunciado, redimensionam e complementam o discurso (OLIVEIRA; TORGA, 2019). Também é possível perceber que, muitas vezes, o registro de respostas sem compromisso ou apenas observações desdenhosas, mas também é onde se encontram respostas e/ou comentários comprometidos com a veracidade das informações e da formação de opinião acerca da notícia veiculada. Nesse espaço virtual pode-se observar a intencionalidade de dialogar com o autor e com os outros possíveis leitores (OLIVEIRA; TORGA, 2019).

É deste universo discursivo que se deu a constituição do *corpus* para este trabalho. Trata-se de comentário postados no site de rede social Facebook, após um caso de agressão contra uma médica obstetra ter sido relatado e repercutir tanto na imprensa escrita quanto nas mídias sociais. O fato ocorreu em uma maternidade de

um hospital da cidade de Pelotas em maio de 2020, sendo que a médica denunciou o marido de uma paciente por ela atendida no parto. Como a mídia acabou por noticiar a agressão sem ouvir a defesa do casal envolvido, dias depois, o casal publicou um vídeo no próprio Facebook, dando sua versão sobre a agressão e relatando a violência que a parturiente sofrera. Esse vídeo foi compartilhado na página do grupo Nascer Sorrindo Pelotas, na página do jornal Diário Popular, na página de repasse de notícias Pelotas 24 Horas, após o presidente do SIMERS lançar uma nota de repúdio, defendendo a médica e condenando o homem pela suposta agressão. Nesse post no Facebook muitas pessoas se manifestaram através dos comentários, solidarizando-se com a paciente e relatando as violências obstétricas sofridas por elas mesmas ou por familiares. São esses comentários que formam o corpus deste trabalho.

Nos comentários que respondem ao post com o relato do casal, foram selecionados relatos que podem ser considerados como violência obstétrica, objeto deste trabalho. Buscamos, então, aqueles que valoram, ou seja, dão sentido ao que seja esse tipo de violência, recusado, como já foi visto pelo Conselho Federal de Medicina. São enunciados que relatam comentários depreciativos, preconceituosos, humilhantes e xingamentos, violência física, manobras e procedimentos considerados violentos e não mais recomendados pelos órgãos de saúde preocupados em combater e erradicar essas práticas violentas no parto.

Para realizar o estudo seguiremos as etapas da análise discursiva sugeridas por Sobral (2014), que formam a sequência descrição – análise – interpretação. Segundo o autor, essa sequência constitui um conjunto de parâmetros que oferece um melhor aproveitamento dos instrumentos para fazer a análise, nos termos de que o objeto a ser analisado requer. Partindo do objeto, busca-se seguir uma sequência lógica da análise que vai desde a materialidade do texto até a discursividade e à genericidade e a ele retorna, com novos elementos arrolados, reunindo, na etapa de interpretação, elementos textuais e elementos da ordem do discurso e do gênero em sua inserção social e histórica (SOBRAL, 2014, p. 29).

O primeiro contato com o fenômeno a ser estudado é a descrição. Ela apresenta o corpus a partir da sua inserção geral na esfera das atividades e baseia-se em questões a partir das quais se examina o corpus em termos da esfera de produção, circulação e recepção da enunciação/ enunciado concreto (SOBRAL, 2014, p. 32).

A segunda etapa é a análise discursiva do corpus, que investiga a disposição do discurso. Trata-se de examinar a “unidade arquitetônica” dos componentes, o que compreende descobrir igualmente possíveis temas secundários do tema global identificado, partindo de questões como: que elementos textuais sustentam a resposta à pergunta anterior? Trata-se de firmar o levantamento dos procedimentos discursivos por meio das formas da língua (verbal, visual) que são mobilizadas (SOBRAL, 2014, p. 32).

Já a interpretação reúne as duas etapas anteriores ao integrar estratégias de produção de sentido e os sentidos produzidos nos termos da esfera de atividades e da análise de texto. Nessa etapa, a partir de todos os dados reunidos e dos conceitos mobilizados, chegamos à definição da especificidade do objeto (o aspecto da variação), e da sua importância a um dado universo (o aspecto da estabilidade relativa) mostrando se o objeto adere ou não, e em quê, as regras de sua classe de objetos, suas semelhanças com objetos conexos, suas invariâncias e variâncias com relação ao arquivo de objetos relacionados etc. (SOBRAL, 2014, p. 32).

4 Análise do *corpus*

Para explicar a função de sentido que as pessoas dão ao que consideram violência obstétrica, manifestando suas opiniões, foram analisados os relatos que englobam alguns tipos dessa agressão, relatados no site Facebook partindo da concepção do conceito de valoração concebido por Bakhtin.

Os primeiros *posts* apresentados descrevem a violência obstétrica verbal, que conforme os comentários, é a mais comum.



Figura 1 - Comentário 1

O comentário foi postado na página do site Facebook do jornal Diário Popular na reportagem sobre a agressão sofrida por uma médica obstetra, e foi feito por uma mulher que se sentiu vítima da mesma médica.

O enunciado está em primeira pessoa, o que indica que a locutora está relatando a sua a experiência pessoal, usando os superlativos “péssima médica/péssimo atendimento” para descrever sua experiência. São adjetivos que estão povoados de sentidos que expressam juízos de valor, ou seja, a locutora seleciona palavras, demonstrando sua atitude valorativa frente à notícia da agressão. Esse comentário estabelece um diálogo com a notícia postada e com os demais comentários de pessoas que se posicionaram sobre o fato, gerando uma atitude responsiva de concordância para com estes. Trata-se de uma relação dialógica que corrobora o que é denunciado.

É possível observar na figura 1, que a pessoa que postou o comentário cita as falas da médica utilizando discurso direto, buscando reproduzi-las, embora não se trate de relatos exatos, o que é evidenciado pela palavra “tipo”, usado para Pexemplificar as falas. Já vimos que o discurso relatado é um discurso dentro de outro discurso, um recurso para integrar uma outra enunciação a fim de integrá-la a sua própria, em uma relação dinâmica, complexa e tensa, já que os discursos se entre-relacionam para dar sentido ao que se diz. Através do uso das aspas, o discurso agressivo e de superioridade é enfatizado, destacando o julgamento da profissional sobre o modo de a locutora sentir a dor naquele momento ou a comparação com a própria experiência, dando o sentido ao que ela considera violência obstétrica verbal.

Segundo a locutora, a médica faz uso da palavra “fiasco”, que no dicionário Michaelis, está descrito como “resultado desfavorável ou vexatório, fracasso, insucesso ou malogro”. Porém, no enunciado acima essa palavra assume outro sentido: ela está colocada como escândalo ou espalhafato. Vemos, portanto, que o significado se atualiza no contexto na enunciação, considerando as interlocutoras e o contexto.

Outra sequência importante para compreendermos o enunciado é “faz força direito”, que demonstra o posicionamento da profissional de saúde, que desqualifica o ato de parir da locutora em um julgamento de valor, demonstrando um discurso de superioridade dela sobre a parturiente. Essa reprodução do enunciado da médica, que mostra a reação ativa ao discurso do outro (da médica) visando, como aponta

Volóchinov, manter sua integridade e autenticidade, tem como objetivo validar a violência verbal sofrida.

Já no final do comentário, há uma oposição entre as palavras ótima e péssima. Desse modo, a locutora qualifica as enfermeiras como “ótimas”, o que se opõe totalmente ao atendimento da obstetra, que ela qualifica como péssima. Desse modo, novamente o uso estilístico dos adjetivos no grau superlativo é uma forma expressiva de valorar o tratamento recebido.

Esse comentário estabelece, enfim, uma relação dialógica com o fato noticiado e com os demais discursos que circulam sobre os atos violentos da médica citada no post do jornal, qualificando-a como uma má profissional, endossando com seu discurso, as respostas sobre a conduta da profissional no ambiente hospitalar.



Figura 2 - Comentário 2

O segundo comentário também é uma resposta ao post do jornal no qual foi veiculado o caso da suposta agressão à médica. O comentário é feito por uma mulher que também foi vítima de violência obstétrica.

Ela começa o comentário afirmando que as agressões sofridas pela médica não têm justificativa, colocando-se, desse modo, contra o ato praticado, num discurso que estabelece uma relação dialógica de discordância com o enunciado do jornal que destaca a ação violenta. No entanto, o uso da conjunção adversativa “mas” revela que, se não há justificativa, há uma explicação para tal conduta, que é o que ela vai significar justamente com a violência que a ela também havia sido imposta.

Como marcas enunciativas (marcas linguísticas usadas ao se produzir um enunciado) de sua posição axiológica, ela relata expressões como “agridem”, “maltratam”, que não se referem a uma pessoa específica, mas a muitos profissionais de saúde, qualificando-os como “cruéis” e “intolerantes”, o que comprova sua opinião negativa.

Para comprovar o que diz/pensa, ou seja, o modo como valora a conduta desses profissionais, a locutora cita a ocasião do próprio parto, colocando-o como o momento de maior fragilidade para a mulher, e o momento em que elas são alvo desses maus profissionais. Estabelece, então, um diálogo com outros comentários e com o post da notícia, já que os primeiros são, em grande maioria, relatos de violência obstétrica sofridas.

O modo como ela significa esse momento é expresso pelas palavras “indiferença”, “judiada” e ridicularizada”. Como vimos na teoria, toda palavra em Bakhtin é carregada de um conteúdo valorativo, que resulta das relações dialógicas com discursos anteriores, ou seja, as palavras que já ouvimos antes, as situações de interação verbal que já vivenciamos. Assim, o modo como seu enunciado é valorado resulta da violência verbal e até mesmo física que ela sofreu e que lhe deixaram mais que marcas apenas nas palavras. É esse o sentido de “trauma” em seu enunciado.

Há também um juízo de valor, quando no discurso, a locutora cita que não teve coragem de falar e de reclamar. Essa fala indica um reconhecimento da ideologia de que os profissionais de saúde são autoridades naquele ambiente, o que justificaria as decisões por eles tomadas e os atos praticados. Esse silenciamento às agressões no momento do parto é respondido verbalmente, em uma atitude responsiva (ainda que distante da situação de interação) nos comentários da locutora, sem fazer menção direta à médica obstetra citada no caso, mas se utilizando desse discurso para compartilhar sua própria experiência de violência sofrida com outros discursos semelhantes.

O enunciado produzido pela locutora constrói um sentido oposto ao da notícia divulgada, cujo tema é noticiar o absurdo da violência que sofrera a médica, uma vez que pertencem a pessoas de grupos ideológicos diferentes, fazendo com que se revele a relação dialógica da locutora em relação ao fato noticiado e, principalmente, ao comportamento dos profissionais de saúde no ambiente hospitalar.

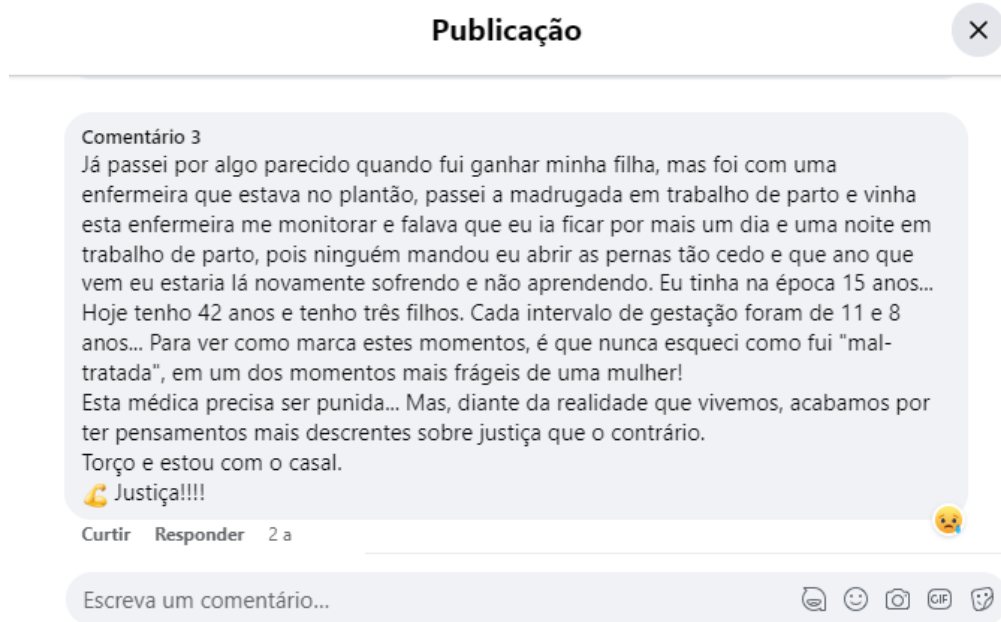


Figura 3 - Comentário 3

O comentário 3 foi postado por uma mulher no Facebook do casal envolvido no caso de agressão à médica, após a divulgação do vídeo com a versão deles (do casal). Há interação da locutora com os demais comentários e seu enunciado corrobora com o discurso de violência obstétrica relatado pelo casal, enfatizando as falas agressivas da profissional de saúde que a atendeu, no caso, uma enfermeira, o que também dialoga com outros enunciados que apontam outros profissionais que também praticam ações que são entendidas como violência obstétrica, ainda que, como vimos, os conselhos de medicina não admitam essa prática e, por isso, não aceitem o uso do termo.

Neste caso é preciso salientar que a profissional em questão é, provavelmente, uma enfermeira obstétrica, pois é a especialista que tem uma formação específica e autorização do Ministério da Saúde (MS) sendo, portanto, habilitada para realizar qualquer parto normal sem complicações que possam colocar em risco a vida da parturiente e da criança. Essa profissional pode, ainda, examinar a gestante, verificar contrações, dilatações e demais alterações no funcionamento do organismo feminino no momento do parto, o que lhe confere uma posição semelhante ao do médico obstetra, que em situações normais, é chamado apenas no momento preciso do nascimento. São, então, posições de superioridade e inferioridade que se estabelecem nessa interação, sendo essa última sempre a da paciente, o que a faz calar-se e aceitar o que lhe é dito. Ao destacar a posição social de uma parturiente em

comparação à posição social da enfermeira ou médica, a locutora justifica sua descrença na justiça sobre uma punição à profissional, valorando a diferença de posições sociais entre as partes como influenciando, diretamente, na decisão da justiça.

Nesse enunciado, é necessário destacar que a profissional de saúde exerce um julgamento de valor sobre a idade com a qual a paciente manteve relações sexuais, resultando numa gestação, no segmento “abrir as pernas tão cedo”. Utilizando do discurso indireto, a locutora busca reproduzir as falas que foram proferidas e que expressam a violência impetrada: “falava que eu ia ficar um dia e uma noite em trabalho de parto” mas que “ano que vem, eu estaria lá novamente sofrendo e não aprendendo”. Ao introduzir no seu enunciado parte de outro enunciado, ouvido da enfermeira, a locutora procura dar sentido à violência, expressando a sua atitude responsiva tardia ao que ouviu durante o trabalho de parto. Bakhtin explica que a atitude responsiva ativa não é somente uma resposta imediata, mas pode ser também o modo como se responde a um discurso ouvido mesmo tempo depois. Impedida de responder na ocasião, seu comentário é a resposta ao discurso que ouvira.

O que se compreende é que a locutora demonstra entender a ideologia expressa nos comentários sobre adolescentes (provavelmente) que dão à luz no sistema público de saúde. Esse é o sentido que se depreende, entendendo-se que, para a profissional, as dores do parto são uma espécie de punição pelo ato sexual que ela considera praticado “tão cedo”. Do mesmo modo, seu julgamento de valor incide sobre a repetição da gravidez, sobre o fato de que mesmo sofrendo, meninas jovens de classes sociais inferiores não aprendem. É necessário destacar, então, que o sofrimento, a violência, não é gratuito. Seria, no caso, uma forma de “ensinamento”, ainda que pouco aproveitado.

Assim, a locutora valora os maus tratos por ela sofridos em um momento de fragilidade da mulher, o parto, dialogando em concordância com o comentário da figura 2, que também destaca o momento de vulnerabilidade da mulher, com a prática de violência obstétrica verbal e psicológica. Ela ainda opõe essa violência psicológica ao momento em que a mulher necessita de maior apoio e cuidado.

Ao apoiar o casal que teria sido vítima da médica obstetra, num discurso que apoia uma punição o que a locutora deseja é que a profissional passe por algum tipo de sofrimento, como uma compensação pelo sofrimento que ela e que outros profissionais de saúde que praticam a violência obstétrica causam às pacientes.



Figura 4 - Comentário 4

No comentário 4, vemos um enunciado que busca destacar outro tipo de violência obstétrica: a diferença de atendimento entre pacientes que dependem da saúde pública e as que possuem convênio médico, ou seja, que pertencem a classes sociais diferentes.

O comentário foi postado no site Facebook do jornal Diário Popular como uma réplica que responde a um outro comentário sobre a necessidade de se abrir um inquérito para averiguar os comentários negativos sobre o atendimento prestado pela médica obstetra.

A figura 4 traz um discurso direto quando cita a “resposta idiota” que, segundo a locutora, as gestantes pobres que reclamam do atendimento ouvem. Ela também utiliza a palavra “tipo” para exemplificar as falas ouvidas, o que significa que não há uma reprodução exata do discurso dos profissionais da saúde, mesmo que seja um discurso citado. Nesse caso, observa-se que o verbo que introduz esse outro discurso mobilizado é “levam (uma resposta idiota)”. Já se comprova, então, que ela compreende o enunciado como uma resposta violenta.

O discurso da locutora também dialoga em concordância com outros enunciados que destacam o parto como um momento especial na vida da mulher, mas a violência obstétrica é tão forte que deixa um trauma, motivo pelo qual ela não teve coragem de passar por outra gestação. Como as relações dialógicas são relações de sentidos, vemos que, a cada comentário, a concordância demonstra uma similaridade na compreensão do que seja violência obstétrica.

Esse relato está centrado no discurso verbal, cujo juízo de valor sobre a violência se dá por causa da sua condição social, ou seja, as pessoas das classes

sociais menos privilegiadas, que necessitam recorrer ao SUS, recebem um tratamento inferior àquelas de classes sociais mais altas, que contam com planos de saúde ou com atendimento pago.

Trata-se, portanto, de um discurso situado socialmente, que expressa a mesma relação que vimos no comentário anterior acerca do que pensam os profissionais que atendem gratuitamente sobre quem procura os locais de assistência. Para a locutora, a violência é uma punição por pessoas pobres terem filhos e demandarem trabalho no atendimento. Os discursos de que “pobre não para de ter filho”, de que “pobre é fiasquento”, “barraqueiro” são, portanto, modos de valorar essas situações, explicando, de certa forma, o tratamento dispensado. São ecos de outros discursos que reverberam no meio médico, não descolado, obviamente, do meio social.

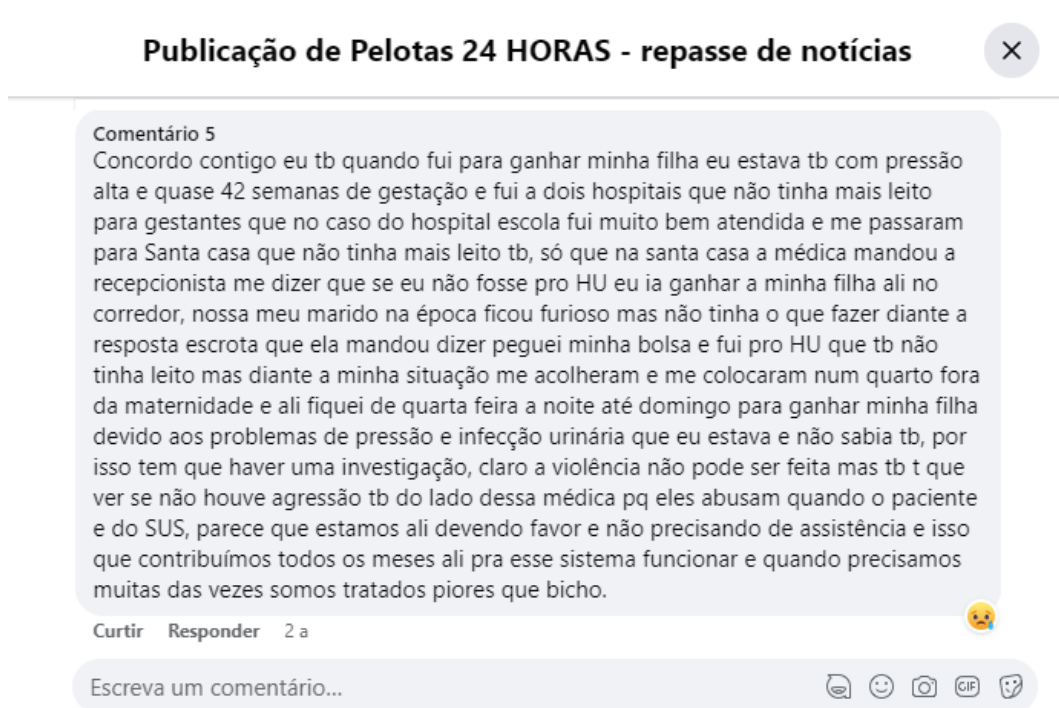


Figura 5 - Comentário 5

O *post* 5 responde à nota de repúdio emitida pelo Conselho Regional de Medicina do Rio Grande do Sul (CREMERS), contra a suposta agressão sofrida pela médica, publicada pela página de repasse de notícias Pelotas 24 Horas.

O comentário da locutora narra sua experiência com os hospitais públicos da cidade de Pelotas e dialoga com outros comentários que também fazem referência ao atendimento de saúde pública. A locutora descreve sua experiência de ser mandada de um hospital público para outro por falta de leito. Ela expressa um posicionamento

valorativo em relação ao atendimento, já que viveu a situação de se sentir mal atendida por não ter convênio médico, dialogando com discursos de outras pessoas que vivenciaram situações semelhantes.

Aqui também é possível perceber que ela valora como violência o descaso que sofreu no atendimento, considerando o fato de ter sido internada fora da maternidade e ter precisado aguardar dias até o parto. Ela associa esse julgamento de valor ao fato de precisar utilizar o atendimento público de saúde, tido como um serviço “gratuito”, mas que na verdade, é pago por todos os contribuintes, conforme ela mesma destaca.

No discurso, a mulher cita a médica mencionada na notícia e, através do uso do verbo “abusam”, ela engloba outros profissionais da saúde que acredita fazerem distinção entre pessoas de condições sociais diferentes, tais como os usuários do SUS. Ela ainda compara o tratamento recebido pelos pacientes ao tratamento dispensado aos animais, quando fala “somos tratados piores que bichos”, se incluindo na parcela da classe social inferior.

A locutora discorda com a agressão sofrida pela médica, julgando que não tem justificativa para o ato, mas tem explicação, caso seja comprovado que a médica tenha cometido violência obstétrica contra a paciente.

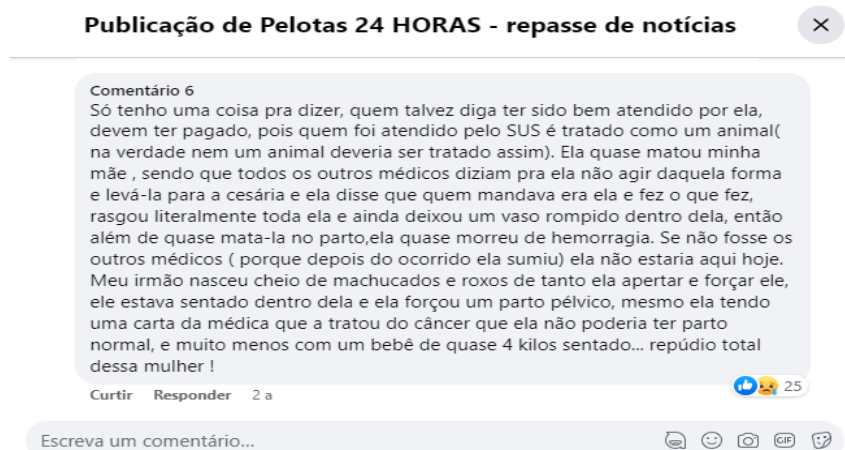


Figura 6 - Comentário 6

O comentário 6 é uma resposta a uma questão sobre o nome da médica na postagem da página de repasse de notícias, na nota de repúdio publicada na mesma, após um dos comentários responder à questão e se dizer paciente desta e elogiar seu atendimento.

O discurso da locutora, que não foi vítima de violência obstétrica, mas é familiar de uma vítima, expressa um posicionamento valorativo em relação à diferença de tratamento entre pacientes que utilizam o SUS e os que não precisam dos serviços públicos de saúde, comparando ainda o paciente que depende da saúde pública com um animal. Essa comparação de um paciente de condição social inferior com um animal também é vista no comentário anterior, expressando um posicionamento valorativo dos sujeitos em ambos os comentários, indicando uma relação dialógica de concordância entre elas.

O pronome “ela” faz referência direta à médica citada na nota de repúdio, narrando as decisões tomadas por ela, num posicionamento de superioridade ao dizer que era ela que “mandava” no procedimento, arrogância ao não escutar o aconselhamento dos outros médicos presentes no momento e ao ignorar um laudo de outro profissional, alegando que a parturiente não poderia passar por um parto normal.

A locutora ainda valora a violência obstétrica física sofrida pelo familiar como, por exemplo, o que ela chama de “rasgos” (episiotomia), um vaso sanguíneo rompido, o que provocou uma hemorragia interna, agressões físicas provocadas pela arrogância da profissional e sua total desconsideração pela vida humana.



Figura 7 - Comentário 7

O comentário 7 foi postado por uma mulher que passou pela experiência do parto normal e é uma réplica, ou seja, um comentário sobre um outro comentário, estabelecendo uma relação dialógica imediata, como um diálogo face a face.

A locutora defende que outras mães compartilhem seus sofrimentos, num discurso de convocação ao postar “vamos mostrar quem de fato é essa médica” e “não se calem”, criando um diálogo com outros relatos e comentários. O enunciado da

autora do post concorda que não há justificativa para a agressão sofrida pela médica, mas também pondera que há explicação para o fato da pessoa se descontrolar ao ver alguém que ama sofrendo exatamente como acontece no comentário 2. Temos aqui, portanto, um discurso já dito, corroborando a teoria de Bakhtin de que falamos pela palavra alheia, pois todo discurso contém resquícios de outros discursos.

Esse comentário também dialoga diretamente com o comentário 6, ao destacar a arrogância dos profissionais de saúde, também recorrendo a um já dito e se colocando na mesma posição ideológica da locutora do comentário anterior.

Há a valoração da violência psicológica, destacada pela utilização do verbo “sofrer” em duas ocasiões e da palavra “arrogância”, que também aparece no comentário na figura 6.

Neste post são narradas as violências físicas, evidenciadas pelas palavras “toda hora vem um e te enfia a mão”, fazendo referência aos inúmeros e, desnecessários, exames de toque e, novamente à violência verbal, com uma frase recorrente na maioria dos relatos “na hora de fazer não doeu”.

Mesmo mediada pela internet, ele apresenta características de uma comunicação direta, respondendo diretamente e juntando seu discurso a outros já ditos, em concordância com estes, já que a locutora se sente parte do grupo que sofreu violência por parte dos profissionais de saúde, mostrando sua posição social em relação ao enunciado, citando toques desnecessários e, ainda violência verbal, com frases grosseiras.

Comentário 8

Bom o parto aconteceu no dia 14 de novembro de 2014 na santa casa com a mesma. já estava a 24 hrs em trabalho de parto quando chegamos ao hospital já com td certo para o parto ja com mt dor e os 10 dedos de dilatação necessários e bebe encaixando , msm assim a dr. scilla disse rindo para uma enfermeira que colocasse oxitocina correndo pq quem gosta de ter filho cedo tem que sentir o que são realmente dores de parto me deixando por mais 4 horas com medicação correndo... então já com tom de voz alterado me encaminhou para sala de parto onde td começou . Durante todo processo do parto ela se dirigia a mim como com voz alta dizendo que apartir daquele momento eu deveria cumprir meu papel de mãe ou então meu filho morreria por minha culpa , o apoio da maca de parto estava quebrado escapando a cada força feita fazendo com que o meu bebe voltasse para cima . A dr.Scilla olhava para mim dizendo que meu filho estava ficando fraco que que aquilo era culpa minha por querer ser mãe mas não ter capacidade para ganhar meu filho que ele estava entrando em sofrimento e assim mando que duas enfermeiras subissem para cima da minha barriga e começassem a empurrar para baixo o que resultou e mts lacerações e tbm fazendo com que meu bebê se trancasse por não ter descido de forma correta então falei para dr.scilla que estava sem forcas e ficando com as mãos geladas e dormentes , ela simplesmente mandou que eu calasse a boca e aguentasse a situação onde eu me coloquei e que ela usaria um fórceps para tentar salvar o filho que eu não quis ajudar a nascer . Meu bebê não chorou ao nascer e fizeram diversas manobras ate que ele chorasse mt fraquinho ela não me deixou nem se quer ver meu filho então começou a reparar o estrago que havia feito, foram 3 pontos externos e 28 pontos internos quando não estava nem na metade comecei a sentir tudo e mt dor e avisei a ela ela entregou para a estudante alegando que não aguentava mais me ouvir reclamar (o que era meio impossível pq eu mais desmaiaava do que ficava acordada ,as o pouco que ficava sentia td e pedia que pelo amor de deus parrasse) a estudante terminou td sozinha apavorada e falou a minha mãe que ela nunca havia feito pontos sozinha em um paciente... dr.scilla nem apareceu mais pra conferir nem os pontos e nem como eu estava mandou apenas que me vestisse e me direcionassem ao quarto onde desmaiei mais 3 vezes pela exaustão e dor ... essa mulher deve ter seu direito cassado para que outra mãe não tenha seu sonho perdido pois é isto que a Dr.Scilla lazarotto faz ela faz do sonho e do momento mais lindo e esperado por uma mulher um PESADELO !

Escreva um comentário...



Figura 8 - Comentário 8

O comentário 8 é um relato de parto postado na página do Facebook do escritório de advocacia que representa o casal no suposto caso de agressão. Nele, a locutora faz uma narrativa da sua experiência com a médica, supostamente vítima de agressão. Corroborando com outros discursos sobre métodos agressivos utilizados por profissionais de saúde, ela cita manobras proibidas, instrumentos e procedimentos não recomendados pelos órgãos de saúde responsáveis.

No post é possível perceber vários tipos de agressão, a começar pela decisão da médica de utilizar medicação para a indução do parto, o que aparentemente seria desnecessário. Há também um julgamento de valor quanto a idade da parturiente, quando a médica acredita que a mulher deve ser “punida” com dores por passar por uma gestação quando ainda muito jovem. Esse mesmo discurso pode ser visto no comentário 3, quando a enfermeira citada tem a mesma posição ideológica sobre a

idade da pouca idade da parturiente. Logo depois são relatadas violências verbais quando a profissional fala com a gestante com tom de voz alterado, responsabilizando a gestante por todo o processo do parto, agredindo a mesma psicologicamente ao dizer que a vida do filho dependia dela e que a mesma não tinha “capacidade” para ser mãe.

Mais adiante temos a descrição de agressões físicas. A primeira é a manobra de Kristeller, que consiste no ato de empurrar a barriga da gestante com os braços ou mesmo subir na barriga para empurrar, procedimento proibido pelo MS, mas que continua sendo utilizado. Depois a mulher relata o uso do fórceps, instrumento metálico, utilizado para “auxiliar” a passagem da criança pelo canal de parto. Há também as lacerações causadas pelos procedimentos adotados, que resultaram em uma quantidade enorme de pontos de sutura e o fato de o efeito da anestesia ter terminado antes que o procedimento estivesse concluído, provocando muita dor na paciente.

A locutora também se sentiu vítima de violência ao ter sido deixada para ser atendida apenas por uma residente, ou seja, uma estudante de medicina ainda não tem conhecimento para atuar sem a supervisão de um preceptor. Segundo o relato, a médica a deixou totalmente de lado depois dos procedimentos.

Novamente vemos aqui a valoração do momento do nascimento do filho como um momento especial, um sonho a ser realizado, mas que a violência obstétrica destrói e transforma em pesadelo, palavra que é destacada em caixa alta, mostrando essa valoração no discurso da locutora, causando traumas nas suas vítimas.

Através do relato percebe-se que o enunciado dialoga com outros que também descrevem práticas violentas, o que se opõe a negativa da existência ao uso do termo violência obstétrica.

O discurso estabelece uma relação dialógica com outros discursos sobre o comportamento da médica em questão e valora a posição da locutora como mais uma vítima das práticas e procedimentos utilizados pela profissional de saúde. Ela destaca as práticas do uso do fórceps e da episiotomia, evidenciando violência física, tipo de agressão citada em outros discursos, se colocando no lugar social de vítima como tantas outras.

É possível perceber em todos os comentários selecionados que os relatos de violência física, verbal e psicológicas são recorrentes e muito comuns. Há um número exponencial de depoimentos de mulheres e familiares destas que tem muito a falar

sobre o assunto. Há muitos comentários que destacam a violência física como o uso de fórceps, episiotomias e uso de medicações desnecessárias, como no exemplo abaixo. Esse comentário segue a mesma direção de tantos outros que constam neste trabalho.

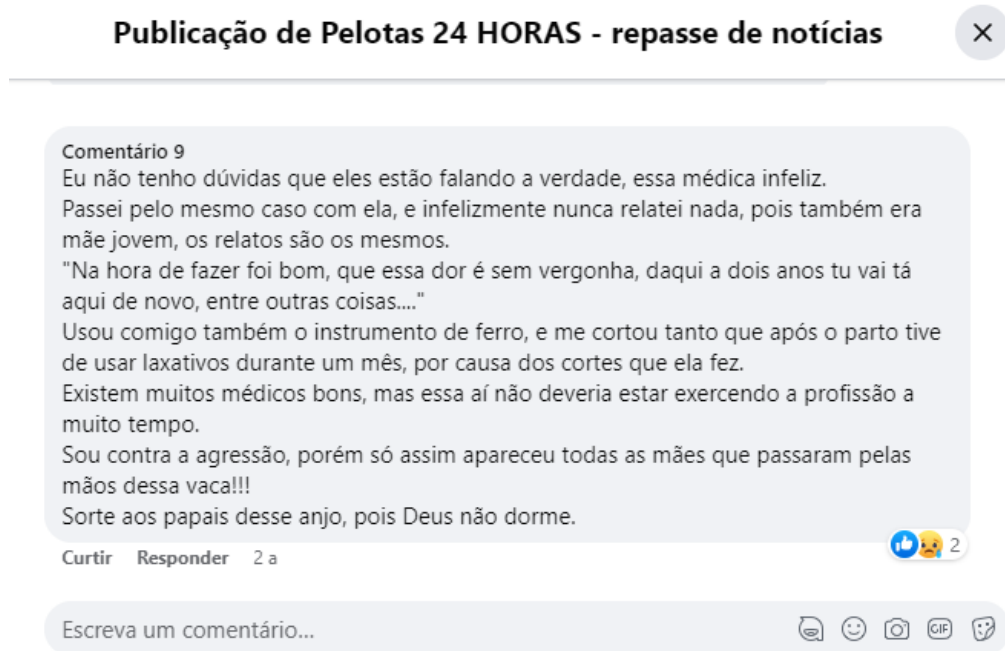


Figura 9 - Comentário 9

5 Considerações finais

Para a reflexão final do trabalho apresentado, entende-se que a teoria da Análise Dialógica do Discurso, do Círculo de Bakhtin, foi fundamental para compreendemos como, na interação verbal, que estabelece o diálogo entre os comentários, determina as relações dialógicas entre eles. Responsável pelo sentido dado ao enunciado e conseqüentemente ao seu assunto, àquilo a que se refere, as reações dialógicas valoram o que é narrado. Desse modo, as situações sofridas durante o parto são valoradas como violência obstétrica, seja ela verbal, psicológica ou física.

Observou-se que os relatos apresentados nos diversos enunciados retirados do site Facebook, mostram a posição das locutoras frente ao seu objeto de dizer – o termo violência obstétrica e tudo que ela engloba – dialoga com os discursos/enunciados outros, em relações de concordância seja com as práticas descritas e a sua designação (violência obstétrica), seja com a condenação que é expressa na notícia quanto às ações do marido da paciente que agredira a médica. Assim, o que as locutoras buscam com seus relatos é não tentar justificar a ação descrita, mas explicar por que o homem teria tido tal atitude, descrevendo o tratamento recebido na época em que deram à luz, determinando, por meio de várias marcas linguísticas, o que entendem por violência obstétricas.

As palavras e expressões da língua, marcas linguísticas, foram colocadas neste trabalho como marcas enunciativas, porque se trata de usá-las na produção de enunciados concretos, efetivamente usados para a interação verbal. A denominação evidencia que a língua tem significação, e o enunciado sentido. Por isso, ao mobilizar essas marcas como presentes no dizer, a ênfase está em como se produzem sentidos ligados aos contextos que as expressões figuram. Mais ainda, em como elas expressam a expressividade que é dada aos atos sofridos.

Na análise dos comentários nas redes sociais, verificamos que o termo violência obstétrica abrange uma infinidade de falas, de procedimentos, de tratamento que deixam diversas marcas tanto físicas quanto psicológicas nas mulheres, marcando negativamente o momento do nascimento de um filho. Desse modo percebe-se que, apesar da oposição dos órgãos de saúde tal como o Ministério da Saúde e o Conselho Federal de Medicina, não há outra forma de descrever o que

acontece com as mulheres quando procuram assistência nos serviços de saúde no momento do parto.

Os enunciados são uma resposta ao que ouviram no momento do parto. Como vimos, atitude responsiva ativa é a resposta do interlocutor em uma situação de interação. Essa responsividade já é prevista pelo locutor, que antecipa possíveis respostas, organizando, então, seu dizer em função do que espera. Isso foi comprovado nos relatos, quando as mulheres relatam que silenciaram frente ao que ouviram, porque as posições sociais não são equivalentes. Assim, os profissionais contam com essa “resposta” para dizerem o que dizem.

Caladas antes, no momento em que alguém dá uma resposta, mesmo que seja por meio de uma ação violenta, essas mulheres finalmente respondem ao que ouviram (ou sofreram), dizendo o que não puderam anteriormente. É nessas respostas que se estabelece o sentido de violência obstétrica, mesmo que esse termo seja negado em outras instâncias. Há um discurso comum, ideologicamente marcado que responde a outros discursos também ideologicamente marcados que se confrontam na arena de vozes que determina os sentidos que circulam em sociedade. Tentar mascarar esse fato, negando uma visão, uma posição axiológica justamente de quem passou por isso pode fazer silenciar respostas no momento da interação em que a violência é praticada, mas não impede que essas respostas surjam, que elas venham carregadas de um sentido existencial, que elas sejam marcadas por palavras que valoram o que se deseja negar.

Certamente o assunto tratado pela pesquisa abrange inúmeras possibilidades de expansão, contribuindo para chamar a atenção para este tipo de agressão tão comum, mas ainda tão pouco tratada e discutida pela sociedade. Prova disso é que ainda não existe no país uma legislação específica para punir os profissionais de saúde que praticam a violência obstétrica. Portanto, é possível que surjam novos trabalhos a partir do tema aqui discutido.

Referências

- AMORIN, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução, notas e posfácio de Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BRAIT, Beth. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. **Gragoatá**, São Paulo, v. 11, n. 20, p. 47-62, jun. 2006.
- BRAIT, Beth e MELO, Rosineide de. **Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação**. Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.
- BRANDIST, Craig. **Repensando o Círculo de Bakhtin: novas perspectivas na história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CONSONI, Gilberto Balbela. **Conversações online nos comentários de blogs: interações dialógicas nos blogs Melhores do Mundo, Interney e Pensar Enlouquece**. 192f. Dissertação. UFRGS. Porto Alegre – RS. 2010.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias do círculo linguístico de Bakhtin**. São Paulo. Ed.: Parábola, 2009.
- FARACO, Carlos Alberto. Interação e linguagem: balanço e perspectivas. **Calidoscópico**, [S.L], v. 3, n. 3, p. 214-221, set./dez. 2005.
- FROEHLICH, Márcia. Sobre o comentar na Web: algumas considerações. In SOBRAL, A.; BOHN, H. **Dialogismo: bordas, fronteiras, imprecisões, sentidos**. Pelotas: EDUCAT, 2016, p.73-83.
- GERALDI, Wanderley. **Uma diferença identifica**. Uma identidade deformada. Percursos bakhtinianos de construção ética através da estética. Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2005.

- GIACOMELLI, Karina; D'ÁVILA, Sabrina Gonçalves. O diálogo em redes sociais: o acento valorativo das palavras e o sentido dos enunciados. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 6, n. 2, p. 110-118, jul./dez. 2017.
- MITOZO, Isabele Batista; MASSUCHIN, Michele Goulart; CARVALHO, Fernanda Cavassana de. Características do debate político-eleitoral no Facebook: os comentários do público em posts jornalísticos nas eleições presidenciais de 2014. VI Congresso. PUC: PoA-RS, 2015.
- MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl; DANESI, Antonio de Pádua. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. São Paulo: Edusp, 2008.
- OLIVEIRA, Agildo Santos Silva de; TORGA, Vânia Lúcia Meneses. Concepções que dialogam além do círculo: linguagem, interação, enunciado concreto, gêneros discursivos. **Polifonia**, Cuiabá, v. 26, n. 41, p. 27-45, mar. 2019.
- PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Tradução do italiano por Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2010.
- RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista Famecos**, [S.L.], v. 16, n. 38, p. 118, maio, 2009.
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. A constituição e funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.
- SOBRAL, Adail.; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 10, n. 3, p. 1076–1094, jul./set. 2016.
- SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.
- SOBRAL, Adail. Uma proposta bakhtiniana de estudo dos gêneros discursivos. In BRAIT, Beth; Magalhães, Anderson Salvaterra. (Org). **Dialogismo**: teoria e(m) prática. São Paulo: Terracota, 2014.
- SOUZA, Maíra de Cássia Evangelista de. A dinâmica da notícia nas redes sociais na internet. **Rev. Fronteiras-estudos midiáticos**. V.17, n. 2. maio/agosto.2015. p. 199-212.

STELLA, Paulo Rogério; BRAIT, Beth. TENSÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM BAKHTIN E O CÍRCULO. **Linguagem em (Dis)Curso**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 151-169, abr. 2021.

THOMPSON John Brookshire. A nova visibilidade. **MATRIZES**, [S.L.], v.1, n.2, p.15-38, 2008. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v1i2p15-38. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38190>. Acesso em 29 out.2022.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 266-305.

ZAGO, Gabriela da Silva; BASTOS, Marco Toledo. Visibilidade de Notícias no Twitter e no Facebook: análise comparativa das notícias mais repercutidas na Europa e nas américas. **Brazilian Journalism Research**, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 116-133, 30 jun. 2013.

Anexo

Nota de repúdio do CREMERS à agressão sofrida pela médica

NOTA do Cremers: “O Conselho Regional de Medicina do Rio Grande do Sul (Cremers) manifesta veemente repúdio ao ato de violência praticado contra médica obstetra do Hospital Escola (HE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), nesta sexta-feira (29). A autarquia considera absolutamente lamentável que ocorra um ato de agressão contra qualquer pessoa, especialmente neste caso, envolvendo uma médica no exercício profissional da Medicina. O Cremers, por meio do conselheiro Pedro Funari, vai averiguar o ocorrido e acompanhar seus desdobramentos, prestando total apoio à profissional médica. Vamos cobrar a fundo a investigação desse acontecimento e que os responsáveis pela violência contra essa médica sejam punidos”. O documento é subscrito pelo presidente Eduardo Neubarth Trindade (CREMERS)